

paulo henriques britto

***eu quero é botar
meu bloco na rua***

de sérgio sampaio

**Língua
Seraj**

análise das faixas

1. lero e leros e boleros

Lero e leros

*Traga branco o seu sorriso
Em que rua, em que cidade
Eu fui mais feliz?*

Leros, boleros

*Música em sua vida!
Os acordes dissonantes
Estão na raiz*

*Dos meus cabelos no inferno
No meu sorriso de adeus
Vou me fazer de moderno
No meu encontro com Deus*

*Leros e leros
Tudo enche meus ouvidos
Por que tanta gente rindo
No filme que eu vi?*

*Leros, boleros
Tangos e outras delícias
Eis a última notícia:
Que filme que eu vi!*

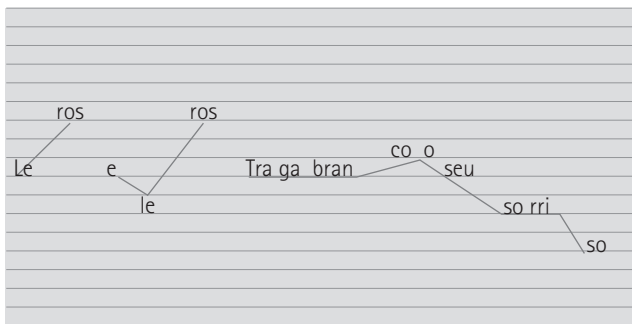
*Ai, meus amigos modernos
Ai, meu sorriso de adeus
Vou me fazer de eterno
No meu encontro com Deus*

A PRIMEIRA FAIXA DO ÁLBUM É EM RITMO TERNÁRIO moderado, com uma estrutura do tipo *ABAB*. As seções *A* têm cada uma delas duas quadras (estrofes de quatro versos), sendo vinculadas uma à outra pela rima do verso final; as seções *B* consistem numa única quadra. A letra tematiza o conflito entre tradição e modernidade: temos ao mesmo tempo referências a, de um lado, “boleros/ Tangos e outras delícias”, e, de outro, ao “filme que eu vi” e “Os acordes dissonantes” (expressão que remete à letra de “Tropicália”, de Caetano Veloso), acordes esses que estariam

“na raiz/ Dos meus cabelos”. A palavra “raízes” à primeira vista parece apontar para algo de profundo e fundamental, mas os “acordes dissonantes” na verdade têm a ver com um estrato mais recente de uma personalidade que, no fundo, pertence a um outro mundo, um outro tempo. Afinal, os cabelos compridos do “doidão” são justamente a marca do seu compromisso com o seu tempo, e a “modernidade” do cancionista é, na verdade, apenas uma aparência, um faz de conta: “Vou me fazer de moderno/ No meu encontro com Deus”. Como se espelhando a ambígua dualidade passado-presente, a voz do cantor aparece duplicada, em playback, numa interpretação suave, *cool*, distanciada, em comparação com o que ouviremos em outras faixas. Pode-se até mesmo perceber um toque de ironia na passagem em que o cantor fala em seu “encontro com Deus”, uma ironia que certamente está presente nas referências a clichês de época, como “Traga branco o seu sorriso” e “Música em sua vida!”. Mas a sensação de dilaceramento entre dois lugares e dois tempos, ainda que atenuada pela interpretação contida, fica bem explícita na letra: “Em que rua, em que cidade/ Eu fui mais feliz?” Cachoeiro de Itapemirim e Rio de Janeiro são metonímias, respectivamente, de um passado mais ou menos confortador — o tempo dos tangos

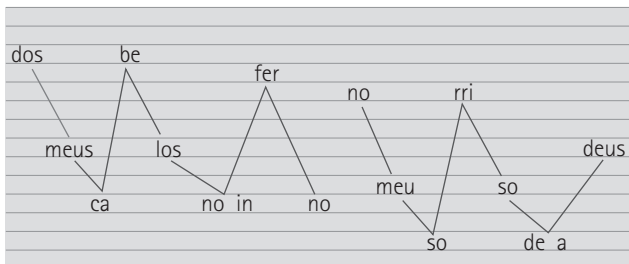
e boleros, das músicas que Sérgio ouvia no rádio quando menino, e que certamente aprendeu a ouvir com seus pais, mas também o tempo das tensões familiares que vão ser o tema de “Pobre meu pai” — e de um presente mais rico, mais “moderno”, dos filmes e dos acordes dissonantes, que no entanto, conforme veremos, é também fonte de intranquilidade e mesmo terror. Pois a pergunta “Por que tanta gente rindo/ No filme que eu vi?” claramente alude à faixa seguinte, intitulada “Filme de terror”.

Examinemos a estrutura melódica da canção. A parte *A* é uma linha melódica relativamente plana, sem grandes subidas ou descidas:



Já a parte *B* consiste em duas sequências de duas linhas que oscilam fortemente entre os registros agudo e grave, terminando numa subida em que soa a

segunda sílaba da palavra “adeus”; na repetição da sequência, a subida termina com a rima óbvia para “adeus”, a palavra “Deus”:



Quando a sequência *B* retorna, já quase ao final da canção, a letra sofre pequenas mudanças: “Dos meus cabelos/ No inferno” muda para “Ai, meus amigos modernos”, e “Vou me fazer de moderno” muda para “Vou me fazer de eterno” — talvez uma alusão ao famoso “Eterno” de Drummond (“E como ficou chato ser moderno./ Agora serei eterno.”) — mas repete-se a rima “adeus”/“Deus”. A última repetição da parte *A*, cantarolada sem letra, é incompleta, e a canção termina em *fade out*.